



A REVISTA IMPERIALISTA

Análise do discurso de *Veja* na cobertura dos preparativos para a guerra EUA X Saddam

Vanderlei Dorneles

Professor de Comunicação Social do UNASP

Campus 2, em Engenheiro Coelho, SP

Resumo: Este artigo se constitui de uma análise do discurso da revista *Veja* na cobertura dos acontecimentos que antecederam os ataques americanos ao regime de Saddam Hussein. O quadro teórico para o estudo da linguagem é composto de conceitos extraídos de Bakhtin, Foucault e Ducrot. Esta análise do discurso jornalístico revela que *Veja*: (1) usou signos lingüísticos com conotações ideológicas na caracterização de ambos os lados do conflito; (2) assumiu uma postura alinhada aos interesses americanos; (3) foi incapaz de interpretar as manifestações populares como símbolo da liberdade de expressão; e (4) também usou signos religiosos que refletem a guerra entre Bush e Saddam como um conflito entre o bem e o mal, respectivamente. O texto de *Veja* no tratamento dos fatos antecedentes dessa guerra se apresenta atravessado por motivações outras, que não a de informar a opinião pública e retratar a realidade.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Linguagem, Imperialismo.

Introdução

A cobertura feita por *Veja* dos fatos que antecederam a guerra contra o regime de Saddam Hussein, no Iraque, segue um padrão distinto de outros veículos nacionais. O discurso apresentado requer cuidadosa análise, capaz de certificar se a revista assume partidarismo e se em alguma medida faz apologia à mais polêmica e discutida das últimas guerras.

O problema crucial da construção discursiva dos antecedentes de uma guerra como essa, cujos motivos escaparam a lógica dos direitos humanos, é que, não sendo um tratamento neutro, o discurso pode fazer implícita apologia ao conflito, que certamente vai favorecer os interesses de um lado da controvérsia, pela resultante acomodação ou mesmo apoio da opinião pública.



Neste texto procuro mostrar, através da análise do conteúdo e do discurso jornalístico, como *Veja* emprega os signos lingüísticos na descrição do conflito entre George W. Bush e Saddam, como trata as manifestações populares e que postura objetiva a revista assume no tratamento do tema.

Escolhi *Veja* para essa análise por tratar-se do maior semanário brasileiro e um dos maiores do mundo, com tiragem superior a 1 milhão de exemplares. Além disso, o público consumidor da revista concentra-se na classe média, sendo em sua maioria formadores de opinião, o que aumenta a responsabilidade do discurso da revista. O período analisado compreende as edições de 22 de janeiro a 12 de março de 2003. Escolhi este recorte pelo fato de que, nele, a guerra ainda não estava decidida e, portanto, era objeto de debate público, o que *Veja* se propõe a fazer. Uma segunda razão é que nesse período ocorreram diversas manifestações populares, discutidas e analisadas nos textos da revista.

As edições de *Veja* são citadas por data, no decorrer do texto. Mas o leitor poderá localizá-las, se preferir, pelo número da edição, mencionado nas referências bibliográficas.

Instrumentação Teórica

Considerando que os meios de comunicação utilizam essencialmente “um material comunicativo e expressivo” (GOMES, 1997:147) seja visual ou verbal, optei pelos estudos da linguagem para esta análise. Os estudos da linguagem se constituíram em modelos metodológicos para as pesquisas em comunicação. Eles acrescentaram aos estudos críticos instrumentos indispensáveis na compreensão dos fenômenos comunicacionais. Gomes chega a dizer que os estudos de linguagem suprem importantes carências dos estudos críticos.

Os estudos da linguagem estão apoiados especialmente em trabalhos de Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Oswald Ducrot. O pensador russo esclarece como a ideologia se articula no nível da linguagem, através do uso de signos lingüísticos. Para ele, “um produto ideológico faz parte de uma realidade” num determinado contexto sócio-cultural, e se expressa por meio de um símbolo. O símbolo incorpora primeiro um valor original, seu caráter denotativo; mas em dada situação, ele pode incorporar um segundo valor, mais abstrato, ideológico, conotativo. Ele explica que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” e que “tudo que é ideológico é um signo”. A



ideologia, portanto, só existe porque a linguagem se constitui de símbolos, e “sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 1995:31).

O uso de símbolos ideológicos num discurso jornalístico aumenta o grau de autoridade do codificador sobre o destinatário, cuja recepção dos conteúdos é facilitada ou automatizada pelos seus próprios símbolos, nele constituídos por sua interação social. Bakhtin afirma que a compreensão ou assimilação dos valores ideológicos “é uma resposta a um signo por meio de signos”, estes constituintes da consciência individual. “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 1995:34).

Foucault acrescenta a isso o fato de os discursos serem construídos socialmente. O discurso não apenas se constitui de símbolos, mas os símbolos são arranjados e organizados, segundo a perspectiva do poder de que se deseja apossar (FOUCAULT, 1996:7, 9), sendo a sexualidade e a política as áreas onde os discursos sofrem mais efeitos de acomodação e organização. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996: 10).

Construído socialmente, portanto, o discurso não é algo que equivale à realidade, mas um produto da empresa ou do veículo que o fabrica, segundo as relações de força nas quais ela está inserida. Nesse caso, a ideologia, os interesses e os compromissos de quem comunica modulam, organizam e instrumentalizam o discurso.

Nessa mesma perspectiva, Ducrot afirma que a língua não tem o caráter de simples código, não é constituída de significados restritos e homogêneos. Não é um instrumento de comunicação fechado. Se a língua for aceita como código fechado, aceita-se a idéia de que os “os conteúdos expressos graças a ela são exprimidos de maneira explícita” e “assim, o que é dito no código é totalmente dito, ou não é dito de forma alguma” (DUCROT, 1977:13). A língua também comporta discursos implícitos e subentendidos. Em dadas circunstâncias, há fortes razões para falar certas coisas para as quais é “necessário ter à disposição modos implícitos de expressão, que permitam deixar entender sem acarretar a responsabilidade de ter dito” (DUCROT, 1977:14).

Ducrot também sustenta, como Foucault, que o ato de falar não é livre nem gratuito. “Não é livre, no sentido em que certas condições devam ser satisfeitas para que se tenha o



direito de falar. [...] Não é gratuito no sentido em que toda fala deve apresentar-se como motivada, como respondendo a certas necessidades ou visando a certos fins" (DUCROT, 1977:16).

O discurso jornalístico é, sem dúvida, um dos menos livres e menos gratuitos, por ser produzido em instituições, na sua maioria, capitalistas e cercadas de interesses políticos. Por isso, esse discurso se apresenta atravessado por motivações e necessidades que, tanto quanto possível, escondem-se em suas malhas simbólicas.

Com base em Bakhtin, Brandão lembra que a língua “é o símbolo ideológico por excelência” e que “a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como um lugar em que a ideologia se manifesta concretamente” (BRANDÃO, 2002, 10-11).

A análise do discurso, como exercício crítico do pensamento reflexivo, aplica-se mais especificamente, portanto, a textos produzidos no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação, nos quais se cristalizam conflitos históricos (MAINGUENEAU, 1998:68). Os textos de *Veja* na cobertura da guerra assumem este caráter.

Reverendo o Discurso Belicista de *Veja*

Após nomear o fundamento teórico deste artigo, passo então a revirar o discurso e o conteúdo de *Veja*, com quatro objetivos principais: (1) considerar os signos com que a revista caracteriza ambos os lados do conflito e certificar se eles são usados com conotações partidárias e ideológicas; (2) verificar se a postura assumida pelo semanário é neutra ou se está alinhada a interesses envolvidos no conflito; (3) considerar o tipo de tratamento dado por *Veja* às manifestações populares, símbolos da liberdade de expressão e da democracia; e (4) identificar se o discurso se serve de signos religiosos e se os emprega de modo a caracterizar a guerra como um conflito entre o bem e o mal.

1. Símbolos ideológicos

O uso de símbolos ideológicos e estereotipados na cobertura dessa guerra por parte de *Veja* evidencia um caráter partidário e até preconceituoso ao se referir aos personagens

principais em questão: Bush e Saddam. O primeiro é precipitado, mas bem intencionado democrata do mundo desenvolvido; o segundo, um cruel ditador tribal.

Saddam é chamado, em *Veja*, de “carniceiro” (22/01/2003, 76), seu regime de “O califado do medo” e seu povo de “sociedade tribal” (05/02/2003, 70).

A edição de 5 de fevereiro descreve minuciosamente toda a estratégia americana para a guerra, com fotos e infográficos e tom triunfalista. Essa matéria é seguida por um texto de oito páginas, em que se descreve com detalhes os, assim denominados, “horrores” do governo de Bagdá, com o título “O califado do medo”. A revista afirma, mesmo sem confirmação oficial, que toda pessoa de quem se suspeita alguma atitude contrária ao regime de Saddam é punida com “língua cortada”, “tortura”, “violência”, “choques elétricos”, “queimaduras de todo tipo”, estupros por “violadores da honra” (05/02/2003, 68). Os atos com que os filhos de Saddam tratam seus desafetos são descritos também com detalhes. *Veja* afirma que Saddam é “implacável com os desafetos”, que suas patentes são todas “inventadas” e que sua preocupação com a segurança beira a “paranóia” (5/02/2003, 72). Essa matéria despertou nos leitores de *Veja* a maior indignação ao regime de Saddam. Foram publicadas cinco cartas na seção correspondente da edição seguinte (12/02/2003, 24). Todas condenam Saddam.

A revista dá informações sobre as supostas armas de destruição em massa, apoiada em discursos do governo americano, como se se tratasse de fatos confirmados. Com base em discurso de Collin Powell, *Veja* afirma que “o país [de Saddam] ainda tem armas químicas e biológicas e as esconde dos inspetores da ONU” (12/02/2003, 46).

Na matéria “Bush atacará com ou sem a ONU” (12/03/2003, 62), *Veja* qualifica de “obstáculos” as diversas oposições enfrentadas pelo presidente americano, as quais são de pronto atribuídas a sua ação precipitada. A intenção do presidente, porém, sugere a revista, é boa. Já Saddam tem intenções más. *Veja* acusa que ele aproveitou da situação para “minar a base de apoio de Bush dentro da ONU” e “criou uma cisão no Ocidente, mas sua ditadura de 24 anos chegou ao fim”.

Já o olhar da revista sobre Bush e os Estados Unidos é positivo, na maioria das vezes, com destaque para a alta tecnologia e ao projeto de democratizar o Iraque. Referindo-se às tropas americanas no Golfo Pérsico, a revista diz que “o gigante está pronto, e com sobra” (22/01/2003, 73). Com imagens de superaviões em movimento, Bush discursando em tom

forte e soldados em ação, *Veja* chama a 101ª Divisão Aerotransportada de “legendária” e capaz dos “ataques aéreos mais avançados” já conhecidos em guerra (12/02/2003, 44).

Na semana seguinte às manifestações pela paz em todo o mundo, *Veja* se posiciona na contramão do repto, levantando três vezes a pergunta “Por quê?”. A revista indaga *por que* Bush é visto como “um inimigo do mundo civilizado”, *por que* “não o retrato de Saddam” em vez de o de Bush nas manifestações e *por que* “Saddam é deixado em paz pela fina flor das consciências compassivas”?. A resposta da própria revista é que “Bush não é maluco, nem energúmeno, nem um monstro sedento de sangue” nem “está indo à guerra contra o Iraque para passar a mão no petróleo do país” (26/02/2003, 42).

A revista atribui o “fenômeno” da condenação popular de Bush a três fatores: “a formação política incompleta” do presidente, a “falange de falcões de que se cercou” e a “influência crescente da chamada direita cristã em sua maneira de pensar”. A influência da vertente evangélica Nova Direita Cristã é o motivo de todo o discurso religioso de Bush contra seus inimigos. Nesse caso, na pior das hipóteses, o presidente americano, em seus atos precipitados e belicistas, não é nada mais e nada menos do que uma vítima de assessores fanáticos ou incompetentes.

Ao caracterizar os dois lados do conflito, tanto nas imagens quanto no texto, *Veja* usa símbolos de desenvolvimento, democracia e liberdade para falar de Bush e dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, Saddam é descrito com símbolos de atraso, totalitarismo e repressão.

2. Perspectiva Americana

A perspectiva com que *Veja* aborda o tema da guerra é um segundo fator para a demonstração de neutralidade ou de partidarismo. A análise da linguagem, no entanto, mostra que a revista comporta-se como se a guerra fosse de seu interesse. Em certos momentos, chega a indicar o que os americanos devem fazer para se darem bem, prevendo resultados positivos para os Estados Unidos e para o povo iraquiano. A oposição dos americanos e as manifestações ao redor do mundo todo são chamadas de “problemas”. Ao citar os “riscos” da guerra, *Veja* diz que “para administrar tudo isso foi concebido o mais ambicioso plano de intervenção” (22/01/2003, 77). Em seguida, pondera: “O investimento compensa. As imensas

reservas de petróleo serão um maná para as empresas americanas do ramo e, suspenso o embargo, para a própria recuperação do Iraque” (22/01/2003, 77). Sobre a falta de apoio da população americana, *Veja* assegura que “todos esses obstáculos parecem *agora* contornados”. Na mesma edição, a revista diz que “os americanos só têm a ganhar se conseguirem a autorização da ONU para invadir o Iraque e derrubar Saddam Hussein”. Mas, para isso, “precisarão reverter a resistência à guerra manifestada por Rússia e China, além da França” (edição 5/02/2003, 64).

O tom americano de *Veja* se patenteia ainda na descrição de como deve se fazer esta guerra. Contrastando a situação atual com a de 1991, a revista diz que “a tendência desta vez é restringir os bombardeios aéreos aos centros de comando, quartéis das tropas de elite, sistemas de defesa e bases de lançamento de mísseis” e “tentar antecipar ao máximo a invasão por terra – de preferência à noite, para tirar proveito do equipamento usado pelos soldados que permite visão noturna”. O texto termina vaticinando: “De qualquer forma, os dias de poder de Saddam estão contados” (5/02/2003, 65).

3. Manifestações Populares “Ingênuas”

Uma terceira área crucial para identificar a postura da revista é o tratamento dado às manifestações populares, símbolo claro de democracia e liberdade de expressão. Também nesse quesito a linguagem de *Veja* sinaliza partidarismo, e ainda certo espírito absolutista. A maneira como qualifica os movimentos populares que antecederam os ataques a Bagdá sugere que os mesmos eram completamente impróprios e ilógicos. Diante das manifestações contrárias às intenções americanas, a revista afirma que “o vilão da história deveria ser Saddam Hussein”. E justifica: “O ditador do Iraque invadiu dois países (Irã e Kuwait), usou gases venenosos para massacrar a minoria curda e, suspeita-se, esconde com propósitos malignos armas destruição em massa”. E espante-se: “O malvado internacional do momento, no entanto, é o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush” (29/01/2003, 62).

Um mês depois, *Veja* retoma o assunto em reportagem cuja linguagem emite um juízo sintomático de absolutismo discursivo, frente às manifestações pela paz. A matéria que pretende, com o título e chamada de capa, apenas indicar o motivo por que o mundo se manifesta contrário a Bush, termina por ser uma defesa deliberada do presidente americano e

da guerra. O texto inicia afirmando que o antiamericanismo, visto nas inúmeras manifestações ao redor do mundo, é um “sentimento em geral inconseqüente”. Esse sentimento é denominado de “uma variável incômoda para Bush” (26/02/2003, 36).

Ainda sobre os manifestos, *Veja* considera uma incoerência condenar Bush, e trata a guerra em termos de se fazer “justiça” ou “não fazer justiça”. Argumenta que “Saddam Hussein é um criminoso”, que “provocou guerras contra os vizinhos porque tem sede de expandir seu império petrolífero”. Já “praticou extermínios em massa de grupos dentro do próprio Iraque” e “mandou matar políticos que se opuseram a sua tirania”. Além de matar “membros de sua própria família”, mandou “torturar rivais das formas mais cruéis”. *Veja* segue com a afirmação categórica: “Comparar Bush a Saddam, concluindo que o americano é o Hitler da dupla, traduz má-fé ou ignorância”. E termina, em tom de veredicto: “Tirar Saddam do poder, com assassinato ou prisão, é uma medida justa” (26/02/2003, 39). Essa reportagem é concluída com citações a Condoleezza Rice, conselheira de Segurança Nacional da Casa Branca, e ao filósofo francês Bernard-Henri Lévy, que consideram Saddam uma “entidade do mal”, e o antiamericanismo, um fruto do ódio contra os Estados Unidos, próprio de totalitarismos como o “fascismo, o comunismo e o islamismo” (26/02/2003, 40).

O tom americano do discurso de *Veja* é ainda retomado ao afirmar que o antiamericanismo não é outra coisa senão manifestação de cobiça e desgosto internacional frente ao desenvolvimento e ao poderio americano. A revista afirma que “os americanos ainda são odiados por um motivo mais prosaico: porque há décadas vivem uma era de prosperidade sem igual na história humana”. E completa: “Além disso, os Estados Unidos têm valores, como a democracia e a liberdade absoluta de manifestação de idéias e crenças, que chocam todos aqueles que aprovam regimes totalitários, entre eles os radicais islâmicos”. A revista afirma também que o individualismo americano “é uma característica cujos resultados são assombrosamente positivos” (26/02/2003, 40).

Na semana seguinte às manifestações internacionais pela paz, *Veja* publica entrevista com o ensaísta americano Caleb Carr, reiterando seu juízo dos atos populares, com o título “O pacifismo é ingênuo”. Dá voz ao homem que considera que “os pacifistas são ingênuos e estão prestando um de serviço ao mundo” (5/03/2003, 14). Das sete cartas de leitores publicadas, na semana seguinte, quatro davam eco às palavras de Carr.

4. Signos Religiosos

Por fim, considero como alguns termos utilizados pela revista tornam o discurso portador de certa visão maniqueísta. Embora *Veja* critique o uso de termos religiosos por parte dos americanos no contexto da guerra, a linguagem do semanário também reflete a visão de um confronto entre o bem e o mal, sendo Bush o lado do bem. *Veja* prevê os resultados da guerra em termos de um sonho: “Imagine-se um Iraque livre das atrocidades de Saddam, produzindo plenamente e com um projeto democrático. Parece *bom demais* para ser *verdade*. Mas é um *sinal de esperança*” (22/01/2003, 77, grifos acrescentados). Ainda: “A partir daí, é possível que em poucos dias soldados da 101^a estejam em Bagdá, com Saddam Hussein morto ou desaparecido, seu regime desmanchado e multidões de iraquianos saudando os *libertadores*” (12/02/2003, 46).

Na semana em que Collin Powell apresentou as razões americanas para a guerra, *Veja* fala das opiniões americanas contrárias à guerra, nestes termos: “Para os *não-convertidos*, as evidências foram fracas” (12/02/2003, 46). O tom religioso é retomado na edição de 26/02/2003, nas páginas 42 e 43, com o título “Quem é o inimigo?”. *Veja* mais uma vez trata o assunto da guerra como uma questão de certo e errado, justo e injusto, bom e mau, portanto, bem e mal. A revista emite um veredicto sobre a opinião pública, afirmando que “o combate ao radicalismo islâmico é uma atitude que só não interessa aos radicais do Islã”, como se todos os que não desejavam a guerra estivessem não só a favor do islamismo, mas fossem contados como islâmicos literalmente. Numa quase conclamação contra Saddam e a favor de Bush, *Veja* dizia que “devem torcer para a derrocada do fanatismo islâmico todos aqueles que não aceitam colocar em risco valores como democracia e liberdade de expressão” (26/02/2003, 44). Bem e mal, nesse caso, tornam-se a classificação do mundo em islâmicos e não-islâmicos, democráticos e antidemocráticos, livres e dominados.

Na edição de 26/02/2003, a revista fala de “uma oportunidade de espalhar o vírus da democracia numa região dominada por tiranias corruptas”, contrastando o “vírus da democracia” aos vírus das supostas armas biológicas (48). O bem contra o mal.



Conclusão

A cobertura de *Veja* dos preparativos americanos para a guerra contra o Iraque atribui consistentemente estereótipos ideológicos de tribalismo, crueldade, injustiça e atraso a Saddam, ao passo que Bush e os Estados Unidos são descritos e mostrados com símbolos positivos como democracia, desenvolvimento, força, justiça e libertação. A guerra, portanto, é mostrada como a oposição entre democracia e barbárie, liberdade e totalitarismo.

Há claros sinais de partidarismo e evidente defesa da guerra e dos interesses americanos. Saddam é caracterizado exclusivamente pelo há de pior em seu regime. Bush, por sua vez, é mostrado como vítima da opinião pública, um quase-mártir e propagador da democracia, e instrumento para contenção do totalitarismo no planeta.

Os termos utilizados para qualificar as manifestações populares, ao redor do mundo, em prol da paz, e das soluções diplomáticas, sugerem que *Veja* alia-se aos ideais americanos, o que indica que seu discurso é construído em função de interesses e relações de poder da empresa que a divulga, esses eventualmente alinhados com os interesses imperialistas americanos. Na medida em que desqualifica as manifestações populares e se torna incapaz de interpretá-las como sinal da busca pelo equilíbrio do poder, o discurso de *Veja* evidencia um sintoma de influência do espírito imperialista e absolutista.

Ao chamar os soldados americanos eventualmente vitoriosos em Bagdá de “libertadores” e ao afirmar ser “justo” depor ou assassinar Saddam, a despeito da resolução da ONU, *Veja* assume o papel de árbitro frente a uma questão do direito internacional. Lançar sobre a opinião pública tal indício de menosprezo para com os valores democráticos, sustentados pelas Nações Unidas, é mais um sintoma de absolutismo discursivo, próprio de uma razão autoritária alinhada com os ideais imperialistas.

Se os Estados Unidos não têm o direito de julgar, condenar e matar Saddam, sem a autorização das Nações Unidas, o único organismo legítimo para legislar internacionalmente, quanto direito tem a revista *Veja* de o recomendar?

Como uma revista que se declara moderna e democrática pode exaltar a “democracia absoluta” dos americanos diante de atitudes tão imperialistas como as manifestadas no contexto de uma guerra apoiada em interesses econômicos e pretensamente religiosos?



A tomada de posição da revista, em relação à guerra, se reflete na opinião da maioria de seus leitores expressa nas cartas cuidadosamente selecionadas e publicadas pela revista. O conteúdo de boa parte delas sugere que o discurso jornalístico de *Veja* pode estar favorecendo o enrijecimento do pensamento único e projetando idéias imperialistas americanas sobre a opinião pública.

Algumas dessas cartas dizem:

“Urge que a comunidade internacional tome providências para defenestrar Saddam Hussein do poder, independentemente de existir ou não armas de destruição em massa” (12/02/2003, 24).

“Como poderíamos ser cegos diante da realidade sangüinária deste ditador louco chamada Saddam Hussein?” (12/03/2003, 26).

“Saddam Hussein vendeu a alma ao diabo ou ele é o próprio?” (12/02/2003, 24).

“Tiranos sangüinários de seu [Saddam] quilate só têm ouvidos para a voz das armas” (26/02/2003, 27).



Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 8ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo, Cultrix, 1977.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Wilson. “Estudos críticos e estudos de linguagem na pesquisa em comunicação”. *INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação*. V. XX, n. 1. São Paulo: 1997. p. 141-150.

MAINGUENAU, Dominique. *Termos-Chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

Revista Veja. Edições 1.786, 1.787, 1.788, 1.789, 1.790, 1.791, 1.792, 1.793. São Paulo: Editora Abril, 2003.

Vanderlei Dorneles, mestrando em Comunicação pela Umesp, é professor de Comunicação no Unasp, Campus 2, São Paulo

e-mail: vandorneles1@ig.com.br